

LINGUÍSTICA E ENSINO NO CONTEXTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Karina de Oliveira Gonçalves¹

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, karinajequi@gmail.com

Resumo: Aparentemente a análise linguística é trabalhada em sala de aula. Mas essa forma é produtiva? Quanto ao aprendizado dos estudantes, é satisfatório? A teoria é sempre diferente da prática e é neste caso em que se deve ter cuidado quanto ao ensino e trabalho de análise sintática em sala. Se o texto é composto por uma microestrutura, sendo estas as partes formadas da sintaxe e da semântica, o estudo do texto deveria ser de forma construtiva, e não restritiva dissociando o trabalho com o texto literário ou classes gramáticas.

Palavras-chave: Linguística, Letramento Crítico, Contextualização, Atividades epilinguísticas e metalinguísticas.

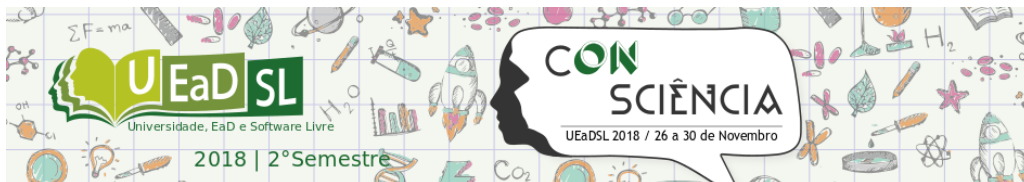
1. Introdução:

No ensino da Língua Portuguesa, deve ser levada em consideração à língua materna do estudante, sendo o português falado, além das regras gramaticais e o letramento crítico. O letramento crítico pode ser trabalhado em sala de aula, abordando o meio em que o estudante está inserido, trabalhando de forma contextualizada. E como isso influencia no aprendizado?

Os adolescentes são sujeitos que estão passando pelo conhecimento do próprio “Eu” e constituindo sua identidade, nesse processo abordar questões reflexivas sobre sua comunidade, problemas sociais que estão envolvidos diretamente/indiretamente, com o estudante influencia positivamente a sua concentração. Fica mais fácil falar de regras gramaticais e até realizar análises sintáticas quando o tema envolve o estudante.

A análise linguística deve estar envolvida no processo de ensino-aprendizagem do estudante, pois além de estar dentro dos Parâmetros Curriculares do Ensino da língua Portuguesa, também é uma forma do estudante estar em contato com os diferentes tipos de conhecimentos existentes e importantes para a comunicação clara.





2. Reflexão teórica

O profissional da área de linguagens é responsável pelo trabalho de transmitir os conceitos e conhecimentos fixos da gramática normativa da língua, mas ainda deve ter o cuidado de não se esquecer de trabalhar a língua em sua forma viva.

A gramática normativa, que é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. (TRAVAGLIA, 2009, p.30)

O estudo e formação nessa área são bastante amplos e condizentes para todo o processo formativo de um sujeito, afinal o profissional da língua deve ter/tem um papel mais amplo, que consiste além do ensino da gramática normativa, mas também espera que seja em uma perspectiva do letramento crítico.

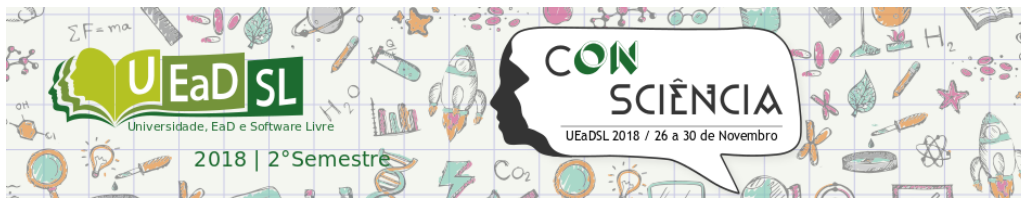
O letramento crítico busca engajar o aluno em uma atividade crítica através da linguagem, utilizando como estratégia o questionamento das relações de poder, das representações presentes nos discursos e das implicações que isto pode trazer para o indivíduo em sua vida e comunidade (MOTTA, 2008).

A Linguística Aplicada (LA) tem essa preocupação, um olhar voltado para a prática mais do que na teoria. Dessa forma a LA difere da Linguística teórica, quando se baseia nos contextos de construções sociais que envolvem diferentes sujeitos.

Acredito que em um ensino da língua portuguesa diferenciada possa construir conhecimento, afinal a língua da gente é mais que grafia, é vida, é cultura. Então o do trabalho do professor deve ter a visão transformadora, qual é possível no campo, no contexto real do estudante abordar tudo que a na gramática, e conhecimentos linguísticos que não encontram na gramática. O ensino tradicional de uma gramática não abordará questões relevantes para uma formação diferenciada/crítica e contextualizada do estudante.

Com experiências próprias a partir do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), na área de linguagens e códigos, tive uma formação pedagógica, social e cultural diferentemente do que pensava. O estudo contextualizado acarretava mais compreensão e envolvimento de nós estudantes, todas as pesquisas de campo





estavam inicialmente centradas nessa situação real do sujeito com o meio. No ano de 2017 vivenciamos experiências de pesquisas, quais alguns objetos de estudo não eram totalmente contextualizados.

Embora ainda centrassem trabalhos voltados para questões linguísticas, os quais conseguimos identificar nas nossas comunidades, podemos vivenciar essas abordagens diferentes no trabalho e ensino da língua, o que se torna a chave de um trabalho linguístico mais dialógico e com bons resultados na construção de letramentos críticos. Assim, pode vivenciar não só teoricamente, mas praticamente uma educação mais próxima da libertadora e revolucionária, como aponta a teoria freireana:

(...) para que os professores se transformem, precisamos, antes de mais nada, entender o contexto social do ensino, e então perguntar como é que esse contexto distingue a educação libertadora dos métodos tradicionais. (FREIRE, 1986)

Levarmos a Linguística Aplicada para o contexto de sala de aula/ensino auxilia no trabalho da área de linguagem, pois partindo de uma prática da real de uso da língua, não se limitando a espaços físicos, ela colabora de forma importante no estudo e ensino da língua na comunidade escolar. Abordando uma Pedagogia Crítica que se apropria de certa forma da sala de aula como instância de produção crítica qual faz o movimento de trabalho de situações vivencias nas comunidades e espaços de interação, resultara no estudo contextualizado.

Analisando a trajetória da Linguística Aplicada com a Educação do Campo, vemos caminhos diferentes, mas parecidos quanto ao estudo de objetos que normalmente não são centro em estudos e projetos. Assim a LA e a LEC, ambos mostram importância e complementos para nossa dimensão social. E se relacionam no uso de metodologias que enfatiza a construção do pensamento crítico do estudante. Como a LA, a educação do campo tem uma forte ligação dialógica com os sujeitos do campo. Partindo do estudo do uso real da fala, o sujeito do campo pode ser objeto de estudo da LA. Assim como apresenta resultados positivos dentro da Educação do Campo, enfatizando o direito dos sujeitos do campo e também seus direitos dentro deste espaço “sociedade”.



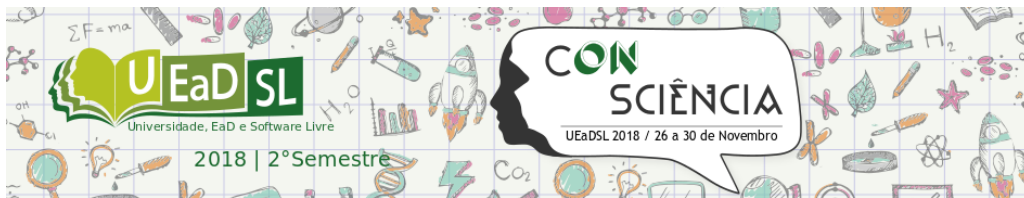
3. Da reflexão à proposta prática:

BEZERRA (2013, p. 36) aborda duas concepções de atividades possíveis no ensino de língua portuguesa, sendo atividades Epilinguística, aquelas cuja reflexão é feita sobre o texto produzido/lido por estudantes, ou outros. Essa atividade possibilita um olhar da microestrutura que constrói o texto, seu sentido para a macroestrutura como o texto em si. Já as atividades metalinguísticas consistem na ideia fracional da gramática normativa, o trabalho de frases soltas criadas fora da realidade do estudante ou de textos que tenham funcionalidade na vida social dele e se trabalha a análise linguística.

Pensando nessas duas possibilidades de atividades para se trabalhar em sala de aula, percebo que o trabalho deva conter os dois tipos de atividades. A partir do meu estágio supervisionado de observação, avaliei os conteúdos lecionados e elaborei uma atividade para ser realizada no próximo estágio de regência. Levando em consideração e fazendo a junção dos dois tipos de atividades citadas anteriormente. Agora vamos conferir as atividades no plano de aula, que aborda o ensino da gramática normativa envolvendo questões reais da língua e do contexto juvenil.

Aplicação do plano de aula de língua portuguesa no 2º ano do ensino médio na Escola Comunitária da Família Agrícola de Jacaré (EFA de Jacaré). Serão destinadas seis aulas para a atividade de tema sintaxe, conteúdo: Orações subordinadas substantivas e orações subordinadas adverbiais. Objetivo geral: Compreender e identificar as orações subordinadas substantivas e orações subordinadas adverbiais. Objetivos específicos: 1. Interagir expressando ideias e opiniões de forma oral e escrita para aprimorar a capacidade comunicativa; 2. Evidenciar o que são as orações subordinadas substantivas e orações subordinadas adverbiais. 3. Realizar análise sintática das orações subordinadas substantivas e orações subordinadas adverbiais.

Metodologia: Apresentação do texto “Adolescência em Festa” de Josete Maria Vichineski, que pode ser acessado no link

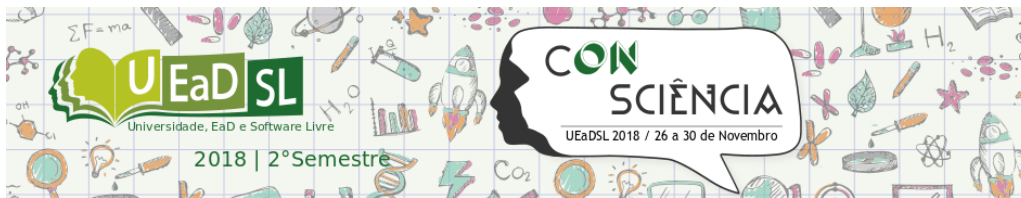


<https://www.recantodasletras.com.br/poesias/6300150> **1º passo:** realizar a leitura socializada em sala de aula; **2º passo:** Analisar o texto: discussão a partir da temática abordada, passar para os estudantes questões para responderem e contribuir na reflexão do texto. (O que para vocês é ser adolescente? A atenção da família para a construção do ser humano é importante? De qual forma. De acordo com o texto o que é adolescente? O que você pensa ser importante para a vida? **3º passo:** Interação entre texto e gramática (Construir um conceito do que seria as orações subordinadas substantivas e orações subordinadas adverbiais com os estudantes, em seguida consultar a gramática e fazer a comparação dos conceitos); **4º passo:** Relembrar assuntos já dados em sala: (conceituando orações, períodos e classes gramaticais); **5º passo:** Abordar o que é oração subordinada substantiva e orações subordinadas adverbiais; **6º passo:** Pedir que os estudantes a partir do texto, criem frases significantes sobre “a adolescência” que evidenciem as orações subordinadas substantivas e orações subordinadas adverbiais, em seguida realizar análise inicial com os estudantes. **Materiais utilizados:** Texto xerografado; Quadro e giz; Moderna Gramática Portuguesa (Bechara). **Avaliação:** Será qualitativa e quantitativa, quanto ao processo e participação será qualitativa e quantitativa os estudantes realizaram uma atividade individual de análise sintética sobre a temática (orações subordinadas substantivas e orações subordinadas adverbiais)

4. Conclusão

O profissional da língua é mais que um professor de português, é o educador que discerne o conhecimento, construído com e para o estudante, afinal é o que se tem como objetivo. Mas tal conhecimento deve abranger e alcançar parâmetros mais amplos, voltados desde ao estudo real da língua, dentro de um contexto em que o estudante está inserido. O ensino escolarizado sobre a língua deve abordar as situações sociais, culturais que ela se faz construtora por que a língua é viva e como tal está sujeita a mudanças, variações e compreensões diferenciais. Importantes não somente para o entendimento e compreensão do que é a gramática normativa e seu uso em decorrentes instâncias sociais; mas também o de poder analisá-la





criticamente, a partir do resultado do estudo voltado para a contextualização do ensino da língua portuguesa, o qual resulta no sujeito autônomo e capacitado de um letramento crítico.

No processo de ensino/aprendizagem, algo que se torna extremamente importante é a abordagem, essencialmente no estudo de línguas. A abordagem é o diferencial no ensino de forma contextualizada. Mudando a abordagem, pode-se trabalhar conteúdos que de forma convencional não tiveram bons resultados. Em uma educação realmente voltada a formação crítica e autônoma do estudante a abordagem no ensino contextualizado é a chave.

Afinal, a contextualização parte do meio para a reflexão desta realidade, a partir de ferramentas e conhecimentos agrupados gramaticamente e não gramaticamente. Por isto a importância, das abordagens e trabalho de atividades epilinguística e metalinguísticas, quais juntas facilitam o ensino em base na realidade do estudante, e que tenho vivenciado na Licenciatura em Educação do Campo.

Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática do Português**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009. DALEFI, Roberto Gomes.

BEZERRA, M. A. **Análise linguística**: afinal, a que se refere? São Paulo: Cortez, 2013. (coleção leituras introdutórias em linguagem: v.3) p. 33-52

FREIRE, P. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MOTTA, Aracelle Palma Fávero. O letramento crítico no ensino/aprendizagem de língua inglesa sob a perspectiva docente. Londrina, 2018. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/379-4.pdf?PHPSESSID=2009051408162317>, acessado em 05.11.2018

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

